

UM OLHAR PARA O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA EM GUINÉ-BISSAU

Angelita Alves de Carvalho¹

Vavito Andre da Costa²



Introdução

A demografia produziu uma das generalizações mais bem documentadas nas Ciências Sociais: a transição demográfica (Kirk 1996). De acordo com Lee (1987), as teorias demográficas se desenvolveram à medida que estudiosos buscavam analisar e sistematizar os fundamentos teóricos da ciência da população, dando ênfase especialmente para o pensamento demográfico. A transição demográfica é uma das correntes teóricas mais conhecidas na demografia, que vem sendo desenvolvida ao longo do tempo e marcada por diferentes contribuições na busca pela compreensão de seus processos e fatores relacionados em diferentes regiões e países ao redor do mundo.

A formulação clássica da teoria da transição demográfica, conforme discutida por Kirk (1996), remonta às contribuições iniciais de autores como Warren Thompson (1929), Adolphe Landry (1934), Kingsley Davis (1945) e Frank Notestein (1945), todos citados em Kirk (1996). A partir da década de 1960, Ansley Coale aprofundou a sistematização do estudo das transições demográficas em países europeus por meio de um importante projeto na Universidade de Princeton, contribuindo para a consolidação do que hoje

1 Programa de pós-graduação em População, Território e Estatísticas Públicas, Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE). Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: Angelita.carvalho@ibge.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9342-4181>.

2 Programa de pós-graduação em População, Território e Estatísticas Públicas, Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE). Passo Fundo, Brasil. E-mail: vavitociso@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2636-9938>.

é considerado a versão clássica da teoria (Coale 1973, citado em Kirk 1996; Grupo de Foz 2021).

Segundo Kirk (1996), a transição demográfica vem sendo um importante tópico para a demografia moderna. O modelo de transição demográfica começou como uma classificação de populações diferenciadas por diferentes combinações de fecundidade e mortalidade. Sociedades passando por processos de modernização progrediram de regimes pré-modernos de alta fecundidade e mortalidade para um regime pós-moderno no qual ambas eram baixas. Há uma classificação por fases ou grupos. Na primeira fase, tanto fecundidade quanto mortalidade apresentavam taxas muito elevadas. Nas fases subsequentes, a mortalidade começou a diminuir, seguido por um declínio na fecundidade.

Especificamente, no contexto subsaariano, estudos apontam que o atraso foi causado por severas recessões no desenvolvimento econômico e diversos problemas no passado histórico que impactaram diretamente o processo de transição demográfica na região. Utilizando dados do relatório de Perspectivas da População Mundial da Organização das Nações Unidas, é possível identificar de que forma a transição vem ocorrendo na África Subsaariana, particularmente na sub-região da África Ocidental, área em que Guiné-Bissau se localiza. Desde a década de 1990, considerada por muitos autores como o início da transição nesta região da África, dados referentes à mortalidade e fertilidade vêm caindo a um ritmo muito lento. Na África Ocidental em 1990, a taxa de fecundidade era de 6,65 filhos por mulher, caindo para 6,04 filhos em 2000. Em 2010, o declínio aumentou para 5,71 filhos por mulher, e para 5,05 no ano de 2020 (United Nations 2022). Dados acerca da mortalidade na mesma região podem ser observados durante o mesmo período. Em 1990, a taxa de mortalidade era de 17,5 por mil habitantes; em 2000, ela caiu para 15,7%; a tendência de queda continuou até 2010, 12,5%, e em 2020, a taxa bruta de mortalidade (TBM) foi de 10,7% (United Nations 2022). Acredita-se que Guiné-Bissau, que possui características muito semelhantes a outros países da região, vem seguindo tendências similares no seu processo de transição demográfica.

Esta pesquisa no contexto guineense é de grande relevância, visto que não existem estudos sobre o país que busquem demonstrar as especificidades de sua transição demográfica. Esse é o primeiro estudo com esse objetivo, que procura encorajar novas pesquisas e, com isso, o conhecimento necessário para o desenvolvimento de políticas públicas dirigidas à diversos fenômenos demográficos na Guiné-Bissau.

Para além de preencher uma lacuna geográfica, este estudo se diferencia de análises existentes — como as de Tabutin and Schoumaker (2021) ou do Banco Mundial (Canning, Raja e Yazbek 2015) — ao ir além do conjunto de tendências da África Subsaariana de isolar a trajetória demográfica de um Estado fragilizado. Enquanto modelos regionais com frequência tratam a Guiné-Bissau como um mero ponto de dados dentro de uma tendência mais ampla, nossa análise aborda a “Transição Demográfica em Contextos de Conflito”. Ao integrar fatores históricos e políticos, como a instabilidade crônica e a Guerra Civil de 1998-1999 (Koudawo 2001; Cardoso 1995), exploramos como choques políticos e falhas de governança criaram um padrão de transição “estagnado” ou idiossincrático que desafia as premissas lineares da teoria demográfica clássica. Esta lente histórico-política é a principal inovação desse trabalho, oferecendo uma interpretação matizada de como a fragilidade de um Estado impacta os resultados demográficos.

O Contexto Político, Social e Demográfico de Guiné-Bissau

Localizado na costa oeste da África Subsaariana, Guiné-Bissau segue sendo um dos países menos estudados de um ponto de vista demográfico, apesar de sua importância geopolítica. Em 2023, o país possuía 1,78 milhões de habitantes (INE 2023), um PIB per capita de 556.421 FCFA e um Índice de Desenvolvimento Humano de 0,480, somados a níveis persistentes de pobreza afetando quase metade da população (INE 2023). Sua organização administrativa inclui três províncias, oito regiões e o Setor Autônomo de Bissau, e sua diversidade étnica é marcada pela coexistência do Crioulo — a língua nacional — e do Português — a língua oficial.

Desde a democratização na década de 1990, a política guineense tem sido caracterizada pela instabilidade crônica, múltiplos golpes de Estado e sucessivas mudanças de governo, elementos que dificultam a consolidação institucional e a implementação de políticas públicas duradouras (Cardoso 1995; M'bundé 2017). Essas fragilidades contemporâneas são agravadas por um passado complexo: o território vem sendo habitado por diferentes grupos desde a Pré-História, integrado às rotas comerciais africanas e, mais tarde, colonizado por Portugal no século XV. Depois de um longo processo de resistência, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) liderou a luta anti-colonial que culminou em sua independência em 1973-1974 (Benzinho e Joana 2015).

O pós-independência também foi marcado por turbulências. O governo de Luís Cabral encarou sérios desafios econômicos e foi derrubado por um golpe liderado por João Bernardo Vieira em 1980, que estabeleceu um regime de partido único até o início da abertura multipartidária nos anos 1990 (Gomes 2014; Koudawo 2001). A transição demográfica, no entanto, não reverteu os ciclos de instabilidade: a guerra civil de 1998 e o golpe de 2012 comprometeram a governança e afetaram setores essenciais como saúde e educação (Sangreman, Proença e Martins 2016).

A saúde pública foi profundamente impactada por essa instabilidade. Após 1974, a criação da rede de cuidados primários e do primeiro Plano Nacional de Saúde (PNS), aprovado em 1993, buscou fortalecer a saúde materno-infantil, o planejamento familiar e a prevenção de doenças (Guerreiro et al. 2019). Contudo, reformas subsequentes — PNDS³ I (1998), PNDS II (2003-2007) e a terceira PNDS (a partir de 2017) — têm progredindo vagarosamente devido ao frágil ambiente político. Limitações estruturais severas persistem: falta de energia, fornecimento de água irregular e escassez de recursos humanos qualificados na maioria das unidades (Indi 2021). Investimentos em saúde são historicamente baixos, sem exceder 9% do orçamento nacional e representando por volta de 1.9% do PIB, sendo menor que o de seus países vizinhos (Guerreiro et al. 2019). Até mesmo o Hospital Nacional Simão Mendes encara dificuldades significativas em infraestrutura, gestão e sistemas de informação, o que dificulta a produção de indicadores confiáveis.

A baixa qualidade de dados demográficos é um dos desafios estruturais apontado pela literatura. Torrisi et al. (2025) demonstra que registros civis significativamente subnotificam óbitos em Bissau, comprometendo estimativas de mortalidade e dificultando análises robustas das dinâmicas demográficas. A instabilidade política, por sua vez, tem um impacto direto nos níveis de mortalidade. Usando técnicas indiretas, Fazzio, Mann e Boone (2011) mostram que a mortalidade infantil permaneceu alta entre 1977 e 2007, diminuindo no decorrer do tempo, mas crescendo novamente entre 1997 e 2001 — um período que inclui a guerra civil de 1998-1999. O risco de morte infantil variava de acordo com a etnia: entre os Balanta até 2001 e os Fula entre 2002 e 2007, enquanto fatores como a distância de centros de saúde e a poligamia tiveram efeitos menos significativos. A importância da etnia como um eixo de vulnerabilidade também aparece em Balde (2019), que identifica a influência de fatores culturais e socioeconômicos — como acompanhamento pré-natal e natal insuficientes na estação seca — na sobrevivência de crianças com menos de um ano de idade.

3 Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário.

Os efeitos da instabilidade se estendem às mulheres. Kotsadam e Ostby (2019) mostram que conflitos e crises políticas têm aumentado a taxa de mortalidade de mulheres em idade reprodutiva no decorrer das últimas décadas. De forma similar, Damerow et al. (2024) analisa a qualidade do acompanhamento perinatal em áreas rurais, identificando limitações estruturais que exacerbam a mortalidade materna e neonatal. Esses achados reforçam que desigualdades persistentes e lentas melhorias nas taxas de mortalidade tornam o processo de transição demográfica particularmente demorado no país.

Nesse contexto, projeções recentes pela African Futures (Institute of Security Studies 2013) indicam que Guiné-Bissau manterá uma estrutura etária extremamente jovem nas próximas décadas e que a possibilidade de usufruir de um dividendo demográfico dependerá da ampliação do acesso à métodos contraceptivos e avanços consistentes na saúde reprodutiva. Juntos, esses fatores históricos, políticos e institucionais moldam as dinâmicas demográficas de Guiné-Bissau, influenciando padrões de mortalidade e fertilidade, bem como a velocidade da transição demográfica, que será discutida em maiores detalhes nas seções seguintes.

A análise da transição demográfica na África Subsaariana requer ir além de modelos lineares clássicos para incorporar debates contemporâneos sobre o Excepcionalismo Demográfico Africano e as Transições Não-Lineares. De acordo com Bongaarts e Casterline (2013), a trajetória na região é singular, caracterizada por um ritmo mais lento e ocorrendo em condições socioeconômicas distintas em comparação às outras regiões do mundo. Essa singularidade é frequentemente marcada pelo fenômeno da estagnação da fecundidade — períodos nos quais o declínio das taxas de nascimento ficam estagnadas ou, até mesmo, sofrem ligeiras reversões antes de retomar a tendência (Bongaarts 2008, 2017; Garenne e Joseph 2002).

Para além disso, a literatura recente enfatiza a “Transição Demográfica em Contextos de Conflito”, na qual a instabilidade política crônica e a fragilidade estatal atuam como forças disruptivas primárias. O impacto dos conflitos armados em resultados demográficos é multifacetado; estudos sobre exposição a conflitos armados e fecundidade na África Subsaariana sugerem que, enquanto conflitos podem levar ao declínio temporário da fecundidade devido a deslocamento e choques econômicos, frequentemente resultam em uma fecundidade de “recuperação” ou em um ambiente de alta fecundidade sustentada como resposta ao alto risco de mortalidade e incerteza. Como explorado em “Demografia Política do Conflito Moderno na África” (Green 2012), a interação entre diversidade étnica, competição por terras e

pressão populacional com frequência criam um ciclo de retroalimentação que aprofunda ainda mais a instabilidade, em particular em Estados com frágil capacidade institucional.

Esse referencial teórico também destaca a relação crítica entre crescimento populacional, estrutura etária, conflito e governança na África Subsaariana. Em Estados frágeis, uma estrutura etária jovem (uma “protuberância da juventude”) combinada com má governança pode agravar o risco de agitação civil, estagnando, ainda mais, a transição demográfica (Green 2012). Comparação com países como Ruanda, Serra Leoa e a República Democrática do Congo (RDC) reforçam a tese das transições não-lineares, nas quais os conflitos prolongados levam ao desmantelamento dos sistemas de saúde e resultam em uma transição epidemiológica estagnada (Omran 2001; Kraehnert et al. 2019; Schoumaker 2019; Tabutin e Schoumaker 2021).

Metodologia

Esse artigo caracteriza-se como um estudo quantitativo descritivo, baseando-se na análise de dados empíricos secundários para responder aos objetivos propostos. Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura, na qual foram escolhidos textos que apresentavam um panorama histórico e atual dos processos sociais e demográficos na Guiné-Bissau e na região. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) da Guiné-Bissau é a principal fonte de informações, tendo em vista que fornece diversas coleções e estudos que abordam a história social, política e econômica do país, assim como pesquisas acadêmicas que discutem transição demográfica e padrões reprodutivos locais.

Na sequência, para analisar a transição demográfica de Guiné-Bissau, dados agregados disponíveis nas plataformas digitais do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, do inglês *United Nations Population Fund*) e no Instituto Nacional de Estatística de Guiné Bissau (INE) foram explorados. Apesar deste estudo utilizar dados secundários da Divisão de População das Nações Unidas (United Nations 2022), é essencial reconhecer as limitações inerentes aos indicadores demográficos em Guiné-Bissau, onde a histórica instabilidade política e as limitações de recursos dificultaram a coleta sistemática de dados. Estimativas de mortalidade infantil e adulta estão sujeitas à subnotificações substanciais devido a falta de um sistema de registro civil robusto, especialmente em áreas rurais ou durante períodos de conflito; portanto, as tendências aqui apresentadas devem ser interpretadas como

estimativas conservadoras da carga demográfica real (Omran 2001; Tabutin e Schoumaker 2021). Para além disso, projeções populacionais permanecem fortemente sensíveis a suposições sobre futura estabilidade e migração, o que pode não captar por completo potenciais choques considerando a história do país de mudanças políticas repentinas (Koudawo 2001). Esse estudo não realiza correções estatísticas independentes; em vez disso, fornece uma interpretação crítica dos dados existentes da ONU ao contextualizá-los dentro da história sócio-política de Guiné-Bissau, visando compreender tendências numéricas como indicadores de uma complexa realidade pós-conflito, em vez de certezas absolutas.

Esses dados nos permitiram apresentar e discutir os principais indicadores relativos à tendências gerais de transição demográfica e seus impactos na estrutura etária, abrangendo o período de 1950 à 2050. A Tabela 1 reúne indicadores selecionados como a Taxa Bruta de Natalidade (TBN), a Taxa Bruta de Mortalidade (TBM), crescimento populacional e a taxa de mortalidade infantil, essenciais para identificar o estágio da transição demográfica do país. Além disso, foram utilizados indicadores de proporção entre os sexos e de taxa de dependência para examinar mudanças na composição etária da população guineense.

Por fim, pirâmides etárias — um recurso clássico para a interpretação dos efeitos etários da transição demográfica — também foram analisadas e usadas para ilustrar visualmente mudanças nas tendências demográficas no decorrer do período estudado.

Tabela 1: Apresentação, definição e fonte de dados dos principais indicadores usados para analisar as dinâmicas demográficas em Guiné-Bissau

Indicador	Acrônimo	Conceito	Formula
Taxa Bruta de Natalidade	TBN	Número de nascimentos por 1000 habitantes	$\text{Nascimentos} / \text{população} \times 1000$
Taxa Bruta de Mortalidade	TBM	Número de óbitos por 1000 habitantes	$\text{Óbitos} / \text{população} \times 1000$
Taxa de Fecundidade Total	TFT	Número médio de filhos por mulher ao longo do período reprodutivo	$\Sigma \text{taxas específicas de fecundidade por idade} \times 5$
Taxa de Mortalidade Infantil	TMI	Número de óbitos infantis com menos de um ano de idade por 1000 nascidos vivos	$\text{Óbitos infantis menores de um ano} / \text{Nascidos vivos} \times 1000$
Razão de Sexos	RS	Número de homens por 100 mulheres em determinado tempo	$\text{Homens} / \text{Mulheres} \times 100$
Razão de Dependência Total	RDT	Número de pessoas jovens (0-14 anos) e idosas (65 anos ou mais) por 100 pessoas em idade ativa (15-64 anos)	$(\text{Jovens} + \text{Idosos}) / \text{Pessoas em idade ativa} \times 100$
Razão de Dependência de Jovens	RDJ	Número de pessoas jovens (0-14 anos) por 100 pessoas em idade ativa (15-64 anos)	$\text{Jovens} / \text{Pessoas em idade ativa} \times 100$
Razão de Dependência de Idosos	RDI	Número de pessoas idosas (65 anos ou mais) por 100 pessoas em idade ativa (15-64 anos)	$\text{Idosos} / \text{Pessoas em idade ativa} \times 100$
Índice de Envelhecimento	IE	Número de pessoas idosas (65 anos ou mais) por 100 pessoas jovens (0-14 anos)	$\text{Idosos} / \text{Jovens} \times 100$

Fonte: elaborado pelos autores (2024), baseado na UNFPA/UN.

Transição Demográfica em Guiné-Bissau, de 1950 à 2050

A Figura 1 sumariza o processo de transição demográfica da Guiné-Bissau no decorrer de um século, mostrando a evolução da Taxa Bruta de Natalidade, da Taxa Bruta de Mortalidade e do crescimento populacional. Nota-se que a mortalidade já se encontrava em declínio em 1950, embora muito lentamente: a TBM permaneceu alta, por volta de 28 óbitos por mil

habitantes. Esse declínio acelerou na década de 1980, quando a mortalidade atingiu menores níveis e continuou a diminuir até se estabilizar por volta de 2020 com 9 óbitos por mil habitantes.

Esse padrão é consistente com o que Omran (2001) chama de modelo de transição epidemiológico contemporâneo ou atrasado, característico de países cuja modernização da saúde ocorre externamente ou de forma dependente. Segundo o autor, “medidas de saúde pública vem sendo um importante componente e o sistema de saúde importado e patrocinado internacionalmente desempenhou um papel decisivo na criação de condições para o crescimento populacional astronômico nesses países economicamente limitados” (Omran 2001, s.p.)⁴. Portanto, programas de saúde introduzidos no país contribuíram decisivamente para a redução da mortalidade, especialmente, entre mulheres e crianças, apesar da taxa de mortalidade infantil permanecer alta e mulheres em idade reprodutiva permanecerem expostas a maiores riscos do que os observados entre homens da mesma faixa etária (Omran 2001).

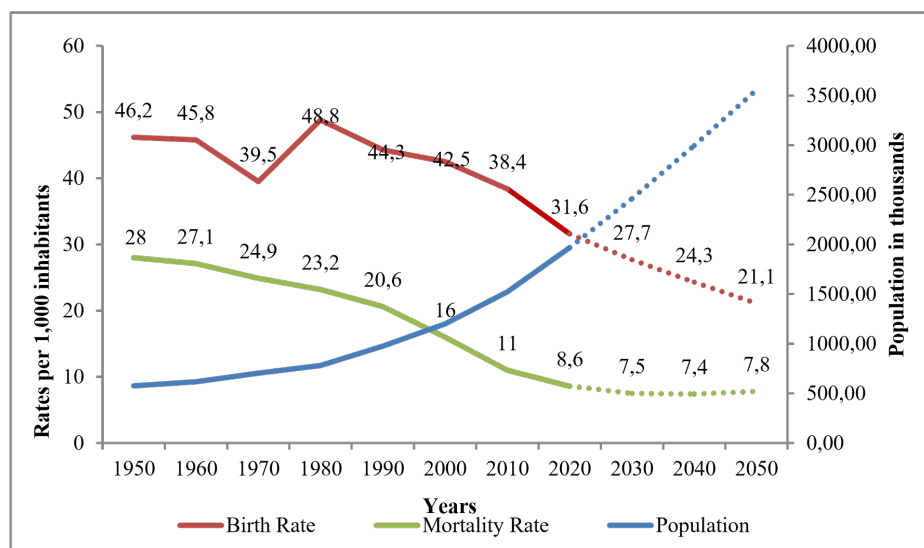
Apesar do declínio da mortalidade, a TBN permaneceu em alta e relativamente estável até os anos 2000, apenas iniciando a diminuir de forma mais clara depois desse período. De acordo com a Figura 1, a TBN caiu de valores próximos de 40-45 por mil habitantes no final do século XX para por volta de 31,6 em 2020, indicando uma, embora lenta, tendência de queda. A lacuna entre o acelerado declínio da mortalidade e a redução gradual nas taxas de natalidade criam uma larga lacuna entre as curvas, que, por sua vez, são traduzidas em forte crescimento populacional. Isso é evidenciado pelo significativo aumento na população, que atingiu por volta de 1 milhão de habitantes nos anos 2000 e continua a crescer rapidamente.

A projeção apresentada no gráfico sugere que, até 2050, a TBM deve se estabilizar entre 7 e 8 óbitos por mil habitantes, enquanto a TBN tende a continuar em declínio, atingindo 20 por mil. Esse descompasso persistente entre taxas de mortalidade e natalidade resulta em um crescimento populacional robusto, com a população do país praticamente duplicando nas próximas três décadas. Esse padrão é consistente com o recente diagnóstico do futuro demográfico da Guiné-Bissau, que destaca a persistência de uma estrutura etária extremamente jovem e da manutenção de altos índices de dependência,

4 Tradução nossa. No original: “public health measures have been an important component, and the internationally imported and sponsored health system has played a decisive role in setting the stage for astronomical population growth in these economically deficient countries” (Omran 2001, n.p.).

especialmente se o acesso à métodos contraceptivos não aumente significativamente (Institute for Security Studies 2023.)

Figura 1: Dados da Transição Demográfica na Guiné-Bissau de 1950 à 2050



Fonte: United Nations (2022); elaboração dos autores.

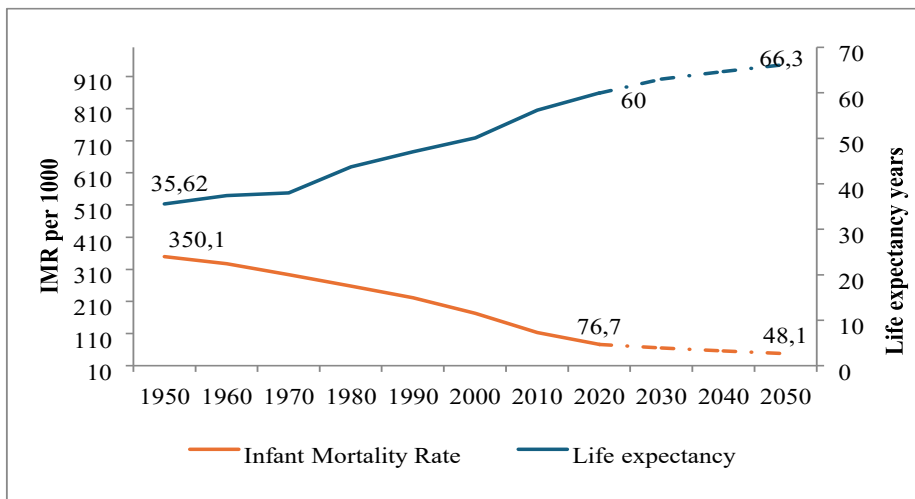
As mudanças observadas nas taxas brutas de natalidade e mortalidade se refletem diretamente sobre outros indicadores chave da transição demográfica, como expectativa de vida e mortalidade infantil, conforme mostrado na Figura 2. Em 1950, a expectativa de vida em Guiné-Bissau era somente de 35,62 anos, enquanto a mortalidade infantil alcançava 350 óbitos por mil nascidos vivos, níveis típicos do padrão epidemiológico inicial, marcado por doenças infecciosas, malnutrição e limitações estruturais nos serviços de saúde — características amplamente descritas por Omran (2001) em seu modelo de transição epidemiológico.

Desde a década de 1980, esses indicadores vêm progressivamente apresentando melhorias, em parte associadas a reformas econômicas, reorganização institucional e à expansão dos serviços de saúde (Cardoso 1995; Guerreiro et al. 2019). Em 2000, a expectativa de vida atingiu 50,12 anos e esse progresso tem continuado: em 2020, atingiu 60 anos, com projeções indicando 66,30 anos em 2050.

Essa evolução segue tendências observadas em grande parte da África Subsaariana, onde o aumento da expectativa de vida desde os anos 1990 decorre da expansão de intervenções de saúde pública, uma redução progressiva das mortes por doenças infecciosas e um declínio gradual da mortalidade infantil (United Nations 2022; Bongaarts 2008). Apesar de lenta, essa melhoria é consistente com o padrão de transição demográfica atrasada usado para descrever os países da região.

A mortalidade infantil segue uma trajetória semelhante: sua contínua redução — alcançando 77 mortes por mil nascimentos em 2020 — representa um dos avanços mais significativos na transição demográfica de Guiné-Bissau. Projeções indicam um declínio ainda maior, alcançando 48 mortes por mil em 2050. Esses resultados refletem ambos os processos de declínio da taxa de fecundidade e de avanços graduais em cuidados de saúde materno-infantil (Pontes et al. 2008; Guerreiro et al. 2019). Além disso, estudos regionais mostram que altos e persistentes níveis de mortalidade infantil, mesmo quando em declínio, são um padrão comum entre países da África Subsaariana com limitações estruturais como as de Guiné-Bissau (Bloom, Canning, e Fink 2014; Sharrow et al. 2022).

Figura 2: Expectativa de Vida e Mortalidade Infantil na Guiné-Bissau de 1950 à 2050



Fonte: United Nations (2022); elaborado pelos autores.

Outros indicadores chave para a compreensão da transição demográfica são a taxa de fecundidade total, o número de mulheres em idade reprodutiva e o número total anual de nascimentos, mostrados na Tabela 2. Com a progressiva redução da mortalidade nas últimas décadas, uma mudança significativa na estrutura etária da população vem ocorrendo, marcado por um aumento no número de mulheres com idades entre 15 e 49. Esse fenômeno aumenta o potencial reprodutivo do país, mesmo em um contexto de declínio da fecundidade — que caiu de 5,9 para 4,1 filhos por mulher entre 1950 e 2020. Como resultado direto dessa combinação de uma estrutura etária jovem e um lento declínio na fecundidade, o número de nascimentos aumentou de aproximadamente 25.000 para quase 63.000 por ano no mesmo período.

Esse cenário caracteriza o que demógrafos chamam de inércia demográfica, em que o crescimento populacional continua mesmo com o declínio das taxas de fecundidade e natalidade, impulsionada pela estrutura etária existente, nesse caso, devido à alta proporção de mulheres em idade reprodutiva. Em Guiné-Bissau, esse grupo representava 25% da população em 2020 e é esperado que atinja por volta de 30% em 2050. Ademais, embora seja esperado que a fecundidade caia para 2,6 filhos por mulher, ela permanecerá acima do nível de reposição (2,1), o que explica porque se espera que a população do país praticamente triplique em um período de 50 anos.

Tabela 2: Indicadores de Fertilidade em Guiné-Bissau, 1950-2050

Ano	População	Mulheres em idade reprodutiva (em milhares)	Nascimentos por ano	Taxa de Fecundidade Total
1950	543.414	137	25.147	5,9
1960	577.934	143	26.641	5,9
1970	591.663	134	23.336	6,0
1980	831.463	197	40.808	6,5
1990	973.551	215	43.465	6,5
2000	1.230.849	298	52.459	5,7
2010	1.567.221	380	60.273	5,1
2020	2.015.828	506	63.738	4,1
2030	2.484.863	655	68.811	3,4
2040	2.976.354	793	72.219	2,9
2050	3.044.529	925	72.601	2,6

Fonte: United Nations (2022); elaborado pelos autores.

Esse comportamento se alinha com o padrão observado na África Subsaariana, onde a transição da fecundidade vem ocorrendo lentamente em comparação com outras regiões do mundo. A taxa de fecundidade regional caiu de 6,5 filhos por mulher em 1950-1955 para 5,4 em meados dos anos 2000 (Canning, Raja, e Yazbeck 2015), um ritmo mais lento que o observado em regiões na Ásia e na América Latina. Cleland e Machiyama (2017) enfatizam que, devido a lentidão desse processo, a maior força demográfica na região nos próximos 35 anos será o aumento contínuo da natalidade, impulsionado pelo aumento do contingente adulto, que será maior do que o grupo mais jovem.

A estagnação da fecundidade na África Subsaariana reflete a interação entre restrições estruturais, preferências reprodutivas e dinâmicas comportamentais (como educação e autonomia das mulheres); embora não tenha nenhum estudo específico sobre a transição da fecundidade em Guiné-Bissau, acredita-se que esse padrão segue tendências regionais mais amplas. Para Garenne e Joseph (2002), esse atraso ou estagnação no declínio da fecundidade relaciona-se com crises econômicas recorrentes e condições históricas adversas. Arnaldo (2013) mostra que o uso de contraceptivos depende não só das preferências das mulheres, mas também do acesso e disponibilidade, levando a maiores taxas de fecundidade em regiões com serviços limitados. Ezeh, Mberu e Emina (2009) destacam que mudanças no comportamento reprodutivo — tal como fecundidade na adolescência, uso de contraceptivos e padrões de união — impactam tendências de fecundidade de maneiras diferentes em contextos distintos, explicando a estagnação (e.g., Quênia) e o declínio (e.g., Zimbábue). Bongaarts (2020) enfatiza ainda mais que o tamanho familiar persistentemente elevado que é desejado permanece uma barreira fundamental para o rápido declínio da fecundidade, mesmo quando o uso de contraceptivos aumentou. De modo geral, as tendências de fecundidade na região são específicas ao contexto e moldadas pelos efeitos combinados de acesso, preferências e comportamento.

A Tabela 3 mostra como esse processo de transição demográfica vem ocorrendo em Guiné-Bissau entre 1950 e 2050, comparando-o com a África Subsaariana e o mundo. A evolução de indicadores nacionais acompanha de perto as tendências observadas nos países da região. Em 1950, a mortalidade infantil chegou a 350 óbitos por mil nascimentos. Baixa expectativa de vida (E_0) — somente 35,6 anos — refletia o impacto conjunto da alta taxa de mortalidade infantil, riscos maternos e más condições sanitárias. Cinquenta anos depois, melhorias nas condições sociais contribuíram para o aumento na expectativa de vida para aproximadamente 50 anos e para o aumento populacional, que alcançou 1.230.849 habitantes em 2000.

Tabela 3: Dados comparados da transição demográfica em Guiné-Bissau, 1950-2050

Ano	Região	TBN	TBM	TFT	E ₀	IMR
1950	Guiné-Bissau	46,2	28,0	5,9	35,6	350,0
	África Subsaariana	47,1	26,5	6,5	37,5	315,8
	Mundo	36,8	19,5	4,9	46,5	224,0
1990	Guiné-Bissau	44,5	20,6	6,5	47,1	222,0
	África Subsaariana	44,4	16,3	6,3	49,2	181,1
	Mundo	26,8	9,3	3,3	64,0	92,8
2000	Guiné-Bissau	42,5	16,0	5,7	50,1	173,6
	África Subsaariana	41,7	14,7	5,7	50,6	152,5
	Mundo	21,8	8,5	2,7	66,5	75,6
2020	Guiné-Bissau	31,6	8,6	4,1	60,0	76,7
	África Subsaariana	35,0	8,9	4,7	60,3	73,9
	Mundo	17,2	8,1	2,4	72,0	37,7
2050	Guiné-Bissau	21,1	7,8	2,6	66,3	48,0
	África Subsaariana	24,0	7,2	3,0	66,7	45,7
	Mundo	14,0	9,4	2,2	77,3	24,1

Fonte: United Nations (2022); elaborado pelos autores.

A persistência do lento declínio na taxa de fecundidade na região também é discutida por Bongaarts (2017), que mostra que, embora países em desenvolvimento tenham reduzido sua taxa de fecundidade em mais de 50% entre 1960 e 2010, a África Subsaariana é uma exceção, com taxas muito mais lentas, em grande parte por seu baixo nível de desenvolvimento socioeconômico. Estudos como os de Arnaldo e Cau (2013) reforçam esse diagnóstico, apontando que práticas culturais, como casamento precoce e baixo uso de contraceptivos, contribuem para níveis de fecundidade mais elevados.

Em relação às condições de vida, Defo (2014) mostra que mudanças demográficas e epidemiológicas globais entre 1950 e 2010 resultaram em ganhos significativos na expectativa de vida, mas com fortes desigualdades regionais. Enquanto regiões desenvolvidas alcançaram valores acima de 77

anos e a América Latina alcançou 73 anos, a África Subsaariana seguiu sendo a região com a menor média mundial — por volta de 53 anos durante o período de 2005-2010. Segundo o autor, essas diferenças se relacionam com guerras, instabilidade política e crises econômicas que marcaram a história da região nas últimas décadas, impactando diretamente a saúde e o bem-estar de suas populações.

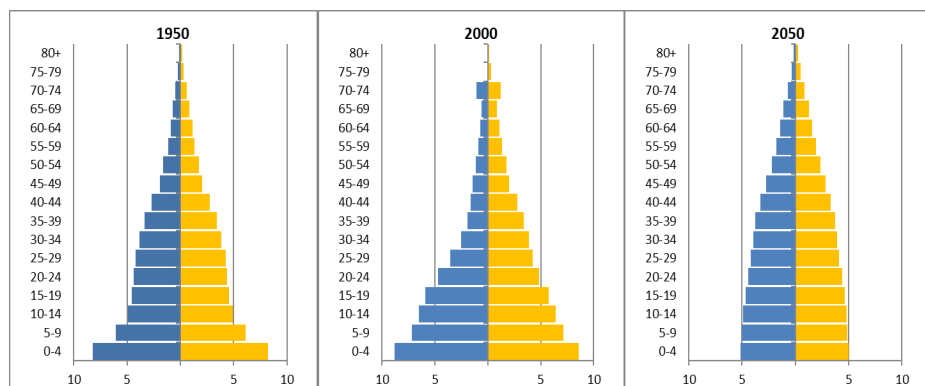
Esses resultados colocam Guiné-Bissau em consonância com o padrão regional, no qual avanços em longevidade ocorrem lenta e descontínuamente. Estudos comparativos mostram que países como Serra Leoa, Chade e Moçambique possuem trajetórias similares: expectativa de vida abaixo de 50 anos até o início dos anos 2000, forte influência de epidemias, conflitos civis e sistemas de saúde frágeis, e avanços graduais somente depois de 2010 (Tabutin e Schoumaker 2004, 2021). Esses autores demonstram que a África Subsaariana como um todo tem a transição mais tardia em mortalidade globalmente, caracterizada por lentos ganhos e vulnerabilidades epidemiológicas persistentes. Portanto, o caso guineense está de acordo com o padrão região, no qual melhorias recentes coexistem com duradouros desafios estruturais, resultando em uma expectativa de vida que está aumentando, mas em ritmo limitado.

Mudanças recentes na estrutura etária de Guiné-Bissau refletem claramente os efeitos da transição demográfica. A Figura 3, com pirâmides para 1950, 2000 e 2050, ilustra esse movimento. Em 1950, a estrutura populacional de Guiné-Bissau era tipicamente pré-transicional: uma base extremamente ampla, com 16% da população concentrada no grupo de 0-4 anos e um topo bastante estreito, refletindo altas taxas de mortalidade (28%) e de natalidade (46,2%). Esses níveis estão em consonância com o padrão mais amplo na África Subsaariana durante o mesmo período, quando conflitos coloniais, más condições de saneamento e epidemias mantiveram a expectativa de vida baixa (37,5 anos) e alta mortalidade infantil (315%) (United Nations 2022). Em 2000, a pirâmide manteve seu formato tradicional, mas com aumentos proporcionais nos grupos de jovens e adultos, indicando certo progresso nas condições de vida — especialmente entre aqueles acima de 60 — impulsionado por uma modesta redução da mortalidade infantil (173%). No entanto, a manutenção da alta taxa de fecundidade (5,7 crianças por mulher) e os impactos da guerra civil de 1998-1999 limitaram mudanças mais significativas na estrutura etária, atrasando a transição para uma base mais estreita.

A projeção para 2050 revela um país em um estágio avançado de transição: a base da pirâmide está se estreitando, enquanto a proporção de

adultos e adultos mais velhos está aumentando. O crescimento relativo dos grupos 5-9, 10-14 e 15-19 anos constituem uma “bolha de jovens”, típica de contextos nos quais as taxas de fecundidade diminuem, mas permanecem acima do nível de reposição. Esse processo marca o início do envelhecimento da população, mesmo em países cuja estrutura ainda é predominantemente jovem.

Figura 3: Pirâmide Populacional de Guiné-Bissau em 1950, 2000 e 2050



Fonte: United Nations (2022); elaborado pelos autores.

As transformações observadas na estrutura etária de Guiné-Bissau podem ser interpretadas à luz da teoria da transição demográfica, particularmente em sua aplicação para os contextos de transição tardia. O padrão descrito é consistente com a mudança da fase pré-transicional para estágios intermediários de transição. No caso de Guiné-Bissau, a persistência de uma base larga na pirâmide populacional até 2000, mesmo em paralelo aos ganhos em condições de vida, sugere uma incompatibilidade entre mortalidade e fecundidade — uma característica central da transição demográfica tardia — na qual o declínio na taxa de mortalidade ainda não se completou. Assim, o caso ilustra um processo heterogêneo e prolongado, moldado por desafios institucionais, culturais e socioeconômicos, em que mudanças na estrutura etária refletem tanto melhorias nas condições de vida quanto a persistência de altas taxas de fecundidade.

Essas mudanças têm um impacto direto nos indicadores de índice de dependência (Tabela 4). Historicamente, Guiné-Bissau tem apresentado altos índices de dependência infantil: 66% em 1950, subindo para 72,8% em 2000, apesar do declínio da mortalidade — uma tendência similar à

observada em diversos países subsaarianos (Canning, Raja e Yazbeck 2015). Em 2020, o Índice de Dependência Total permaneceu alto (81,2%), refletindo uma população ainda muito jovem (idade média de 18,8 anos). Projeções para 2050 indicam uma redução na dependência total (53,5%), impulsionada pelo contínuo declínio das taxas de fertilidade e expansão da população em idade ativa. No caso dos idosos, a dependência permanece baixa devido ao lento crescimento da expectativa de vida e a alta taxa de mortalidade histórica. Em 1950, a TBM era somente 5,9%, aumentando para 11,39% em 2000 — um aumento que teria sido melhor se não fosse pelos efeitos da guerra civil, que aumentou consideravelmente a mortalidade, especialmente entre homens e crianças (Koudawo 2001; Guerreiro et al. 2019). Até 2050, projeta-se que a TBM seja de 7,9%, ainda baixa, mas consistente com o início do processo de envelhecimento. A Razão de Sexos (Tabela 4) também reflete os efeitos combinados da mortalidade, fecundidade e eventos históricos. Em 1950, era de 100%, possivelmente influenciada pela alta mortalidade materna resultado de más condições sanitárias durante o período colonial (Semedo 2021). Em 2000, caiu para 94,4% devido ao impacto da guerra civil, e seu aumento é previsto novamente em 2050 (98,8%), em consonância com as melhorias esperadas nas condições de moradia e saúde.

Essas mudanças na estrutura etária têm implicações diretas para o potencial dividendo demográfico do país. Contudo, a África Subsaariana, incluindo Guiné-Bissau, enfrenta grandes desafios para aproveitar essa oportunidade: altas taxas de fecundidade, lento declínio da mortalidade e o impacto persistente de epidemias como a do HIV/AIDS. Em 2020, o predomínio do HIV era de 3,8% entre mulheres e 2,2% entre homens, com 1.700 novos casos relatados e somente 60% dos portadores de HIV em terapia antirretroviral (TARV) (Sanca et al. 2023), fatores que continuam a limitar a redução da mortalidade.

Dessa forma, apesar de Guiné-Bissau estar lentamente se movendo em direção ao dividendo demográfico, sua trajetória permanece marcada por uma estrutura muito jovem, alta dependência e um gradual — mas persistente — processo de redução da fecundidade e melhoria nas condições de vida, de maneira similar ao que é observado em diversos países na África Subsaariana.

Tabela 4: Índice de Dependência em Guiné-Bissau (1950, 2000, 2050)

Ano	RDT	RDJ	RDI	RS	IE
1950	72,0	66,0	5,9	100,4	9,0
2000	84,2	72,8	11,4	94,4	15,7
2050	53,5	45,6	7,9	98,8	17,4

Fonte: United Nations (2022); elaborado pelos autores.

A experiência de diversos países na África Subsaariana confirmam que o dividendo demográfico é uma verdadeira oportunidade, mas requer políticas coordenadas para materializá-lo. Estudos empíricos apontam que determinantes fundamentais desse dividendo incluem investimentos em saúde materno-infantil, planejamento familiar, educação e do mercado de trabalho, bem como instituições econômicas fortes (Woldegiorgis 2023). Para o autor, embora a transição demográfica na África tenha começado tardiamente, há significativo potencial para um primeiro e um segundo dividendo à medida que essas políticas são implementadas efetivamente. Portanto, o caso de Guiné-Bissau reflete esse dilema regional: há uma janela de oportunidade, mas capturar seus benefícios depende de intensas reformas estruturais antes que a população envelheça.

Conclusão

Esse estudo foi pioneiro na análise da transição demográfica em Guiné-Bissau, demonstrando como o contexto histórico, político e institucional moldou o ritmo desse processo. A independência tardia em 1974 marcou o início de transformações que resultaram na redução progressiva da mortalidade e um aumento na expectativa de vida, impulsionado por melhoria nos serviços de saúde pública. Esse movimento se traduziu em um declínio consistente da mortalidade infantil nas últimas décadas e um aumento gradual da longevidade, embora ainda em níveis mais baixos que aqueles observados em outras regiões do Sul Global. Em contraste, a taxa de fecundidade permanece alta, com lentos e recentes declínios — um padrão que reflete o Excepcionalismo Demográfico Africano (Bongaarts e Casterline 2013). Essa trajetória foi profundamente impactada por eventos críticos, como a guerra civil de 1998-1999, que interrompeu avanços de saúde e intensificou a mortalidade. Atualmente, Guiné-Bissau encontra-se em um estágio tardio e estagnado de transição, definido não só pela pobreza, mas pela persistência da fragilidade estatal que impede um declínio demográfico sustentado e linear.

Essa trajetória, no entanto, deve ser lida a partir de uma perspectiva decolonial, que reconhece que o ritmo demográfico guineense não se trata de um “atraso” em relação ao modelo europeu, mas uma resposta histórica às rupturas impostas pelo colonialismo e instabilidade pós-independência (Koudawo 2001; Semedo 2021). Diferente de visões clássicas da transição demográfica que impõe uma linearidade universal, a demografia de Guiné-Bissau reflete uma “demografia da resistência”, onde a manutenção de altas taxas de fecundidade e a volatilidade da mortalidade são subprodutos de um Estado cujas instituições têm sido historicamente enfraquecidas.

A análise pioneira desse estudo demonstra que a transição demográfica no país é inseparável de sua soberania política e é, em última medida, uma “demografia refém da política”. Nesse cenário, inércia demográfica e expansão populacional contínua ocorrem dentro de um quadro de instabilidade institucional. Essa “inércia demográfica” observada não é apenas um fenômeno estatístico, mas uma reflexão de um povo que, na ausência de redes de proteção estatal sólidas, recorre a estratégias de sobrevivência familiar (Cardoso 1995). Portanto, capturar um dividendo demográfico futuro (Bloom, Canning, e Fink 2014) não virá de mecanismos externos, mas da habilidade de Guiné-Bissau de descolonizar suas estruturas governamentais e fortalecer sua resiliência institucional.

Para além disso, o caso de Guiné-Bissau sublinha a necessidade urgente de desenvolver referenciais teóricos em meio ao campo emergente de “Demografia de Conflito e Violência”. Como discutido por Brunborg e Tabeau (2005), conflitos não devem ser vistos como uma mera perturbação de tendências demográficas, mas como uma força estrutural central que remolda dinâmicas populacionais por meio de migração forçada, alteração nos comportamentos de fecundidade e padrões de mortalidade particulares. Ao situar Guiné-Bissau nesse campo, enfatizamos que a pesquisa demográfica de Estados fragilizados requer metodologias específicas que expliquem o profundo impacto da violência sistêmica na reprodução e sobrevivência humanas.

Especificamente, para superar esse estágio de estagnação, o país deve fortalecer suas instituições e promover políticas consistentes que abordem as causas estruturais da alta fertilidade e volatilidade da mortalidade. Isso requer uma lente decolonial que reconheça a agência de mulheres guineenses e a necessidade de transformar as normas de gênero profundamente enraizadas que limitam a autonomia reprodutiva e a educação feminina. Nesse sentido, as implicações práticas desse estudo sugerem que capturar um futuro dividendo demográfico (Bloom, Canning e Fink 2014) está intrinsecamente ligado

à soberania da saúde pública e das políticas educacionais. O fortalecimento do cuidado primário deve ser acompanhado pelo empoderamento feminino, tratando a educação de meninas como uma ferramenta para emancipação que naturalmente levará a uma transição da fecundidade mais orgânica e sustentável. Para além disso, a integração dos direitos reprodutivos e planejamento familiar à estratégia nacional de saúde é fundamental para superação de barreiras socioculturais que mantêm as taxas de fecundidade altas. Em síntese, a consolidação das transformações demográficas em Guiné-Bissau irá requerir estabilidade política duradoura, capaz de converter o potencial de sua estrutura etária jovem em oportunidades reais de desenvolvimento, superando ciclos históricos de fragilidade por meio da governança resiliente comprometida com o bem-estar de sua população.

REFERÊNCIAS

- Arnaldo, C. 2013. "Factors Associated with High Fertility in Sub-Saharan Africa." *International Journal of African Studies* 1: 45–68.
- Arnaldo, C., e V. Cau. 2013. "Early Childbearing and Low Contraceptive Use in Sub-Saharan Africa." *Journal of African Demography* 12 (2): 77–94.
- Balde, I. C. 2019. "Association between Maternal Education and Under-Five Mortality in Guinea-Bissau: Analysis of Single Live Births Reported by Mothers in MICS 2014." Diss. de mestrado, Cedeplar, UFMG.
- Benzinho, J., e M. Rosa. 2015. *Guia Turístico: A Descoberta da Guiné-Bissau*. Almedina.
- Bloom, D. E., D. Canning, e G. Fink. 2014. "Disease and Development Revisited." *Journal of Political Economy* 122 (6): 1355–1366.
- Bongaarts, J. 2008. "Fertility Transitions in Developing Countries: Progress or Stagnation?" *Studies in Family Planning* 39 (2): 105–110.
- Bongaarts, J. 2017. "Africa's Unique Fertility Transition." *Population and Development Review* 43: 39–58.
- Bongaarts, J. 2020. "Trends in fertility and fertility preferences in sub-Saharan Africa: The roles of education and family planning programs." *Genus* 76(1), 1–15.
- Bongaarts, J., e J. Casterline. 2013. "Fertility Transition: Is Sub-Saharan Africa Different?" *Population and Development Review* 38: 153–168.
- Brunborg, H., e E. Tabeau. 2005. "Demography of Conflict and Violence: An Emerging Field." *European Journal of Population/Revue Européenne de Démographie* 21 (2): 131–144.

- Canning, D., S. Raja, e A. Yazbeck. 2015. *Africa's Demographic Transition: Dividend or Disaster?* Washington, DC: World Bank.
- Cardoso, C. 1995. *Economic and Social History of Guinea-Bissau*. Lisbon: Colibri.
- Cleland, J., e K. Machiyama. 2017. "The Challenges of Achieving Replacement Fertility in Africa." *Population Studies* 71 (Supplement): 1–17.
- Damerow, S. M., H. G. M. Lopes, G. Russo, M. Skovdal, J. B. Sørensen, e A. B. Fisker. 2024. "Barriers and Facilitators to the Utilization of Facility Births during a National Health System Strengthening Initiative: A Mixed-Methods Assessment from Rural Guinea-Bissau." *SSM–Health Systems* 3.
- Defo, B. 2014. "Demographic, Epidemiological, and Health Transitions in Africa: Reconciling the Evidence." *African Population Studies* 28 (1): 301–318.
- Ezeh, A. C., Mberu, B. U., e Emina, J. O. 2009. "Stall in fertility decline in Eastern African countries: Regional analysis of patterns, determinants and implications." *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences* 364 (1532): 2991–3007.
- Fazzio, I., V. Mann, e P. Boone. 2011. "Temporal Trends (1977–2007) and Ethnic Inequity in Child Mortality in Rural Villages of Southern Guinea-Bissau." *BMC Public Health* 11. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-683>.
- Garenne, M., e V. Joseph. 2002. "Stagnation in Fertility Decline in Sub-Saharan Africa." *African Population Studies* 17 (1): 19–33.
- Gomes, D. F. F. 2014. "O 14 de novembro de 1980 na Guiné-Bissau visto pela imprensa portuguesa: Análise comparativa." *Revista Portuguesa de História* 45: 203–226. <https://dl.uc.pt/handle/10316.2/35431>.
- Green, E. 2012. "The Political Demography of Conflict in Modern Africa." *Civil Wars* 14 (4): 477–498. <https://doi.org/10.1080/13698249.2012.740198>.
- Grupo de Foz. 2021. "Age Structure and Implications of Demographic Transition." *Cadernos de Demografia Histórica* 18: 1–32.
- Guerreiro, C., et al. 2019. "Demographic Change and Health Vulnerabilities in Guinea-Bissau." *Revista Angolana de Saúde Pública* 5 (2): 55–73.
- Indi, A. M. 2021. "Que organização e que recursos humanos para suportar o desenvolvimento do sistema de informação no Hospital Nacional Simão Mendes, Guiné-Bissau." Diss. de mestrado, Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/entities/publication/dd2odd10-8ae5-4da1-9495-f4c-42060cdo8>.
- Institute for Security Studies. 2023. "Guinea-Bissau: Demographics – Current Path (African Futures)." *ISS Africa*. <https://futures.issafrica.org/geographic/countries/guinea-bissau/>.
- Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE). 2023. *Estatística de Género*. Bissau: INE. https://www.cplp.org/media/vsllrumn/guiné-bissau_estatísticas-de-género_2023_ine-gb.pdf.

- Kirk, D. 1996. "Demographic Transition Theory." *Population Studies* 50 (3): 361–387. <https://doi.org/10.1080/0032472031000149536>.
- Kotsadam, A., e G. Ostby. 2019. "Armed Conflict and Maternal Mortality: A Micro-Level Analysis of Sub-Saharan Africa, 1989–2013." *Social Science & Medicine* 239. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.112526>.
- Koudawo, A. 2001. *The Civil War in Guinea-Bissau: Causes and Social Consequences*. Bissau: INEP.
- Kraehnert, K., T. Brück, M. Di Maio, e R. Nisticò. 2019. "The Effects of Conflict on Fertility: Evidence from the Genocide in Rwanda." *Demography* 56 (3): 935–968. <https://doi.org/10.1007/s13524-019-00774-x>.
- Lee, R. 1987. "Population Dynamics of Humans and Other Animals." *Demography* 24 (4): 443–465. <https://doi.org/10.2307/2061385>.
- M'Bundé, S. T. 2017. "Comportamento político e cíclica interrupção da democracia na Guiné-Bissau." *Almanaque de Ciência Política* 1 (2): 43–56. <https://doi.org/10.25193/iissn2526-8066.vi.n2.a3>.
- Omran, A. 2001. "The Epidemiologic Transition: A Theory of the Epidemiology of Population Change." *The Milbank Quarterly* 79 (4): 607–637. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2690264/>.
- Pontes, A., et al. 2008. "Infant Mortality Trends in Lusophone West Africa." *International Journal of Public Health* 53 (2): 123–130.
- Sanca, L., et al. 2023. "HIV Prevalence and Treatment Access in Guinea-Bissau, 2020." *BMC Infectious Diseases* 23: 112–123.
- Sangreman, C, F. Proença, e L. V. Martins. 2016. "Guiné-Bissau: A evolução (2010–2016)." Lisboa: Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento, Working Paper 148: 6–34. <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/d24665fe-c676-430b-b03d-8efb2e4e32f3>.
- Schoumaker, B. 2019. "Stalls in Fertility Transitions in Sub-Saharan Africa: Real or Spurious?" *Population and Development Review* 45 (1): 13–62. <https://doi.org/10.1111/padr.12224>.
- Semedo, A. 2021. "Colonialism and Demographic Decline in Guinea-Bissau." *Journal of African Social History* 9 (1): 88–110.
- Sharrow, D., L. Hug, D. You, L. Alkema, R. Black, S. Cousens, T. Croft, et al.. 2022. "Global, Regional, and National Trends in Under-5 Mortality between 1990 and 2019 with Scenario-Based Projections until 2030: A Systematic Analysis by the UN Inter-agency Group for Child Mortality Estimation." *The Lancet Global Health* 10 (2): e195–e206. <https://pure.johnshopkins.edu/en/publications/global-regional-and-national-trends-in-under-5-mortality-between-/>.
- Tabutin, D., e B. Schoumaker. 2004. "The Demography of Sub-Saharan Africa from the 1950s to the 2000s." *Population* 59 (3): 457–519.

- Tabutin, D., e B. Schoumaker. 2021. "Mortality and Health in Sub-Saharan Africa: A Review of Recent Empirical Evidence." *Population-E* 76 (2): 221–302.
- Torrissi, O., A. B. Fisker, D. A. A. Fernandes, e S. Helleringer. 2025. "Improving Retrospective Data on Recent Household Deaths: A Multi-Arm Randomized Trial in Guinea-Bissau." *International Journal of Epidemiology* 54 (2).
- United Nations. 2022. *World Population Prospects 2022: Summary of Results*. New York: Department of Economic and Social Affairs. <https://population.un.org/wpp>.
- Woldegiorgis, M. M. 2023. "Drivers of Demographic Dividend in Sub-Saharan Africa." *Review of Evolutionary Political Economy* 4 (2): 387–413.

RESUMO

Este artigo analisa o processo de transição demográfica entre 1950 e 2020, bem como futuras tendências populacionais de Guiné-Bissau. Especificamente, busca: apresentar e discutir os processos históricos, sociais e políticos do país e sua relação com a transição demográfica; e estimar e compreender o modelo de transição demográfica vivenciado por Guiné-Bissau e países na região da África Subsaariana. Pesquisas dessa natureza no contexto guineense são altamente relevantes, pois é o primeiro estudo desse tipo, que visa encorajar novas pesquisas e gerar o conhecimento necessário para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para diversos fenômenos demográficos em Guiné-Bissau. Para isso, os principais indicadores do processo de transição foram usados, baseando-se em dados obtidos da Divisão de População da ONU. Dentre os principais resultados, vale destacar que, à luz da teoria da transição demográfica, Guiné-Bissau se encontra em um processo de transição tardio, com taxas de fecundidade por volta de 4,5 e indicadores de mortalidade ainda considerados altos. Apesar disso, o país aparenta estar seguindo tendências decrescentes dos indicadores analisados, de forma similar a países na região da África Subsaariana cujas realidades são semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE

Transição demográfica. Dinâmicas populacionais. Guiné-Bissau.

Recebido em 27 de fevereiro de 2026

Aceito em 22 de abril de 2026⁵

Traduzido por Maria Manoela Ribeiro Spolavori

5 Como citar: Carvalho, Angelita Alves de, e Vavito Andre da Costa. 2025. "Um olhar para o processo de transição demográfica em Guiné-Bissau." *Revista Brasileira de Estudos Africanos* 10 (20): 141-163. <https://doi.org/10.22456/2448-3923.153872>.